

Roberto
Axe

A
TRILOGIA

ÍNDICE

Pág 03 -	Prefácio
Pág 07 -	Capítulo 01 – <i>INCIPIT TRAGOEDIAE!</i>
Pág 19 -	Capítulo 02 – Livro um: A DECISÃO
Pág 46 -	Capítulo 03 – Livro dois: A ESCOLHA
Pág 61 -	Capítulo 04 – Livro três: A EXECUÇÃO

PREFÁCIO

Este é um livro irreverente, haverá quem diga: ‘satânico’. Fala de individualidade e autodescoberta, mesmo que estas importem em afastar-se dos demais, esmiuçar a vida por conta própria e cometer crimes. O protagonista Renato Daemon é um escritor que resolve morar nele mesmo, e não o faz sem passar por descobertas assustadoras e mesmo avassaladoras, no intuito de incorporar sua sombra como fonte de poder. Fazer isto não é para qualquer um, requer uma atitude destemida que obviamente desagrade aqueles que têm uma leitura de mundo bastante simples, os comuns. Ele seguirá em frente, fazendo desta descoberta sua arte e confrontando este novo mundo com o mundo confortável das pessoas corriqueiras, levando isso às últimas conseqüências. Um homem solitário e corajoso que receberá o epíteto de ‘monstro’, por negar-se a refletir os comportamentos aceitos e o pensamento estagnado que aquece os acomodados e até legitima essa inércia. Mas, nem todo mundo é todo mundo, e a mim parece que esta é a equação mais difícil de resolver na cabeça da chamada ‘maioria’. O pensamento gregário reluta em aceitar a originalidade, - *vide a Arte* - como se esta fosse fazer desmoronar o castelo de areia que foi construído com tanto esmero e paciência para que sirva de abrigo àqueles que não tem coragem de arriscar. A vida é muito curta e preciosa para nos darmos ao luxo de alguma vez não saltarmos na vastidão negra de nossos abismos mais profundos, mesmo que lá nosso rosto assuma feições demoníacas. Mas, afinal, a quem interessa que não realizemos essa viagem fantástica da autodescoberta? Até mesmo ameaçando-nos com noções de inferno? Deixo a pergunta no ar. Será mesmo que os arautos da Moral, aqueles que se beneficiam com ela, não possuem vãos escuros na chamada alma? Hmm... Bem, Rio Cercado, a cidade onde se desenrola esta estória, é uma localidade acomodada e corriqueira, que tem seu amado sossego quebrado quando percebe que o ‘outro’, o ‘invasor’ é ‘diferente’. A autonomia é algo perigoso aos acomodados e tem de ser, ou não é nada! Sendo planificada – a cidade - e horizontal em comportamento, é logicamente acéfala [o fato de não ter um prefeito, ou, que este seja irrelevante na história, demonstra isso], porém, o inusitado faz com que algumas nuances humanas se desvelem, e alguns rostos apareçam por detrás das máscaras. Ficar agarrado ao lado apolíneo, desprezando e anatematizando,

sempre, as deliciosas artes de Dionísio, só pode gerar pessoas pela metade. Pois bem, que cada um enxergue, então, até onde esse sol de Apolo alcance, e que seja um perigoso abismo o que for para mais além. Mas que nunca se esqueçam: existem seres que carregam imensos abismos dentro de si, que brincam com luz e escuridão com a habilidade dos mestres! São os ‘diferentes’... os diferentes dos chamados ‘bons’. O ‘bem’ é um rótulo que abriga todo tipo de hipocrisia, e é sob essa égide, e *força*ção de barra platônica, que toda uma canalhice existencial se esconde, e a História não nos deixa mentir: Sade nunca matou ninguém, mas era o libertino ‘mau’, já o ‘bom’ Robespierre... [...e não estou emitindo juízo moral aqui, só demonstrando quanto se pode ser hipócrita conforme as circunstâncias]. Pois é... é tudo uma questão de perspectiva [mais uma vez, dá-lhe Nietzsche!]. Bem e Mal são conceitos manobrados de acordo com o momento histórico e as conveniências, nada mais; porém, servirão sempre como esconderijo para todo tipo de gente. Quem não pode criar-se a si próprio, abriga-se sob as coisas e conceitos criados, paciência, mas isso não torna ninguém ‘melhor’, ah, isso não. Um homem *versus* a Cidade, a Cidade *versus* um homem, taí uma luta justa, o mau Renato Daemon contra a boa Rio Cercado e vice-versa, que cada contendor use as armas de que dispõe, da maneira que melhor lhe convier. Enfim, espero que as pessoas inteligentes entendam as metáforas contidas neste livro, as demais, gostaria que ficassem longe dele, pois não faltariam acusações ao autor, tipo: tem uma mente psicopata! Mas... pensando bem, até que isso seria divertido, então a esses eu responderia... ou melhor... seria mais divertido, também, deixar esta resposta no ar...

Roberto Axe

Porto Alegre, 17 de outubro de 2009.

Este livro é dedicado a todos que moraram, moram, ou um dia morarão na casa da colina...

‘Nossa voz ecoa melhor nos abismos mais profundos...’

O Autor

**‘Escravo é todo aquele cujo
pensamento não é uma arma!’**

A TRILOGIA

CAP 01

INCIPIT TRAGOEDIAE!

Desceu a Alameda do Arvoredo como fazia sempre naqueles dias. Naquele horário, cedo da manhã, apenas o compasso de sua corrida matinal podia ser ouvido por onde passava. A batida ruidosa de seus tênis sobre o solo às vezes irregular, às vezes empoeirado das estradinhas singelas e dorminhocas da pequena cidadezinha era entrecortada pelo canto longínquo dos galos. Renato adorava correr naquele horário, sentia o cheiro orvalhado das árvores e do aroma manso exalado por aquele mato indolente e serenamente alheio. Impressionava-se com o sossego desta cidade. Rio Cercado. A impressão que tinha era de que tudo dormia, aguardando o estalar das batidas ritmadas de seus pés, como se estas anunciassem que o Sol já espreitava por detrás dos imensos montes que mais pareciam muralhas a cercar o pequeno burgo. A manhã fria lá fora já começava a contrastar com a realidade ‘intramuros’ de seu training. Todos os dias, quando chegava perto da pequena igreja, já estava transpirando o suficiente para sentir um entusiasmo tímido no tocante ao que julgava ser um incômodo excesso de peso. Além do mais, já passara dos quarenta, e a decisão de mudar-se para aquela pacata cidade havia sido, julgava ele, a decisão mais acertada para botar sua saúde e situação financeira em ordem. Longe de tudo e todos, poderia dedicar-se finalmente a sua grande paixão: a Literatura. Queria escrever, sentia-se um escritor pronto, maduro. Um escritor, pensava, precisa amadurecer, precisa debruçar-se sobre sua própria vida e a dos outros, num exercício contínuo de observação, ruminação, preparação, enfim, um agente invisível das coisas visíveis. Sempre disfarçado de si mesmo e ao mesmo tempo, disfarçando o ‘si mesmo’ que nem ele conseguia compreender. Naqueles dias, Renato achava tudo um pouco complicado; afastado para melhor observar a vida, esta ‘matéria’ com que o artista molda sua obra, não conseguia ver nada. Talvez mesmo, tivesse errado seus cálculos; quem sabe deveria ficar mais tempo envolto em seus próprios problemas, que já não eram poucos, e retirar dali sua matéria-prima? A verdade é

que estava enojado de tanto se perder e se achar(?) como um cachorro que rodopia querendo morder o próprio rabo. Este era o motivo de estar ali, na pequena Rio Cercado. Sua mente precisava respirar, conspirar, e a partir daí, criar. Alugara a famigerada ‘casa da colina’ por uma ninharia, pois todos na cidade a julgavam mal-assombrada, porém ele não acreditava em fantasmas e não perdeu o negócio de ocasião. Só havia aquela casa na colina, assim ficava livre de vizinhos indesejáveis e xeretos, sempre tão zelosos em enfiar o nariz na vida dos outros. Ainda mais que não era uma pessoa de hábitos muito ortodoxos, possivelmente, se houvesse vizinhos por perto, já estariam escandalizados com as noites de intermináveis orgias que promovia com algumas prostitutas do bordel local, o Bordel da Rosa. Não foram poucas as vezes que encheu a cara de uísque e correu pelo campo, no meio da noite, totalmente nu, juntamente com as putinhas da Rosa. Corria livre pela escuridão tal qual um Apolo noturno atrás de sua Dafne fujona; gostava de brincar assim. Sentia-se livre quando não estava sob os olhares curiosos e indiscretos da população de Rio Cercado. Aliás, farejava com facilidade a surda indignação daquela pacata gente; desde que alugara a casa da colina, o sentiam como um cisco no olho. Era um homem misterioso aos olhos mornos dos habitantes da cidade, habituados à vida corriqueira, e sempre zelosos de que nada nem ninguém abalasse o dia a dia inosso se suas vidas. Renato alugara a casa assombrada, logo, não tinha medo, e isso não era bom. Como assim? – fofocavam – não ter medo de fantasmas? Que estranho homem é esse? Não pode ser coisa boa! Renato remoia estas coisas sempre com um sorriso nos lábios, realmente era muito divertido sentir no ar a preocupação incômoda que ele causava, mesmo sem dar absolutamente nenhum motivo para tal. Raciocinava sobre essas coisas quando entrou em uma pequena rua para ganhar a avenida principal da cidade, ali, havia uma característica que já havia lhe marcado a memória; logo ao ‘dobrar’ a esquina, passava pela loja de seu Haroldo, um velhote gordo e bonachão que consertava eletrodomésticos e que não se furtava a lhe enviar um breve aceno acompanhado de um sorriso que julgava ser sincero. Seu Haroldo costumava deixar um imenso rádio voltado para a rua, de onde Renato ao passar, podia escutar o programa matinal de notícias, como se estas pudessem existir naquela singela urbe. Escutava coisas como: *‘a noite de ontem foi tranqüila em Rio Cercado, afora o sr.Fulano de tal que reclamou de um cão que latiu insistentemente...’* Não foram poucas as vezes em que caiu na risada ao ouvir as banalidades da noite anterior à sua passagem pelo pequeno negócio do Sr. Haroldo. Obviamente, sempre disfarçava sua hilaridade, pois não queria parecer acintoso aos habitantes da pacata localidade. Já na avenida principal e com o Sol esparramado alegremente sobre Rio Cercado, costumava passar por vários locais, padaria, armazém, bar, loja... Enfim, todos abrindo suas portas para mais um dia tranqüilo, com nada fora do lugar, a não ser a poeira e os pequenos dejetos que eram agora varridos da frente dos discretos comércios. Ao final da avenida principal e já sentindo o abraço morno do Sol, Renato começava a ofegar e sentir os primeiros sinais de cansaço, porém, era difícil não ostentar a esta altura um sorriso nos lábios ressequidos. Era na avenida que podia perceber o cochicho matutino dos habitantes, bem como, os olhares curiosos, temerosos e até agressivos daqueles que o viam passar em sua corrida compassada. Julgava mesmo, que algumas pessoas se pudessem lhe atirariam pedras. Para aguçar mais corações e mentes, usava sempre o capuz do abrigo para encobrir o rosto. O ‘monstro’ da colina. Sim, já ouvira algum boato de que pesava sobre ele a sombria alcunha de ‘monstro’. Não foi uma nem duas vezes que se pôs a pensar o que levaria alguém a considerar um monstro um sujeito apenas por ser um solitário. É bem verdade que Renato não freqüentava a pequena igreja que lotava nas manhãs de domingo, e isto em uma cidade como Rio Cercado era quase

considerado um crime. Assim, era visto como uma espécie de criminoso, pois desde que começara a viver naquela pequena comunidade, não movera uma palha no sentido de se ‘enturmar’ na sociedade local, nem mesmo dava muita conversa aos moradores, afinal estava lá para escrever. Tinha de ser sincero consigo mesmo se quisesse ser autêntico em seu trabalho, mentir para si seria um crime a ser impetrado na atividade a que se propunha e era para isso que estava ali. Um escritor não mente para si mesmo, se o fizer, estará mentindo, por osmose, a seus leitores; a ficção é apenas a mentira em que vem embalada a verdade do autor. Se for autêntico, deverá ter ouvidos e olhos atentos a tudo e a todos, porém, deverá traduzir o que ouve e vê através da própria experiência. Renato não julgava que Rio Cercado lhe pudesse proporcionar qualquer tipo de alimento intelectual capaz de gerar Literatura; era apenas a cidadezinha sem graça que poderia acolher sua solidão, sem problemas, comunidade mansa e inócua, com capacidade de se manter assim, oferecendo as condições necessárias para sua produção criativa. Porém, esta ainda não havia se manifestado e isso começava a gerar uma certa aflição no autor neófito. Quando do aluguel da casa na colina, Renato constatou a desconfiança dos locadores ao escutarem a palavra ‘escritor’; como se não bastasse a estranheza por aquele ser misterioso vindo de fora interessado em alugar a casa ‘mal assombrada’. Renato tinha a pretensão de conhecer um pouco o gênero humano, por isso tinha certeza de que fecharia aquele negócio com alguma facilidade; ora, era uma casa velha, de madeira e condenada às teias de aranhas graças à sombra ‘sinistra’ – ele preferia o termo ‘folclórica’ – com que a população lhe ‘abençoara’. Era totalmente impensável que alguém na cidade fosse um dia morar lá, logo, o pensamento dos locadores fora estritamente pecuniário, ainda mais quando o locatário anunciou que daria um belo adiantamento. Estava tudo bom, apesar do receio dos habitantes com o ‘monstro’ da colina; o monstro não freqüentava a missa, mas era assíduo no bordel, não era então de estranhar os olhares e cochichos. Agora, o Sol estava quente e o corredor retornava à sua casa, transpirando e arfando, no retorno de mais uma divertida jornada atlética por Rio Cercado.

Renato mantinha uma rotina frugal. Tão logo voltava de sua corrida matinal, tomava seu banho e comia qualquer fruta que encontrasse. Sentava-se então à frente de sua máquina de escrever mecânica; sim, não queria nada muito tecnológico e nem ligações diretas com o mundo lá fora; nessas horas transformava-se num misantropo e desligava inclusive seu celular, único canal com sua vida pregressa. Não queria que vozes do passado, nem que assuntos repisados e comezinhos atrapalhassem suas idéias em gestação. Mas aí começava seu único problema: não lhe ocorria nada. O pior é que não podia voltar atrás, vendera seus poucos pertences para dedicar-se àquilo que julgava sua vocação, isso sem levar a sério alguns comentários de amigos, tão suspeitos quanto a alguns elogios. Porém, o que importava era de que ele, Renato, estava disposto a tudo pela arte da escrita. Tinha de seguir adiante, já não havia caminho de volta, e olhando atentamente aqueles móveis velhos que lhe circundavam e ofereciam a metáfora perfeita para seu passado, julgou ser o ambiente ideal para fazer o ninho da Fênix. A casa era franciscana. Uma velha casa de madeira constituída de uma sala relativamente grande, dois quartos acanhados, cozinha e banheiro idem. Não levava nada além de roupas, livros e pequenos pertences que incluíam

um revólver calibre 38, cromado, cano curto. A varanda da residência era relativamente grande e era seu local preferido para leitura, sempre sentado em uma velha cadeira de balanço na qual embalava-se tranqüilamente levantado os olhos acima do livro de quando em quando, para ver se nenhum intruso incômodo se aproximava. A paisagem dali era privilegiada, podia ver toda a pequena Rio Cercado a seus pés. Era o topo da colina e lá embaixo uma paisagem bucólica e ingênua se entregava, mansa, aos olhos do morador solitário. A pequena localidade não tinha prédios altos, deixando que a torre da igreja reinasse soberana em seu seio feito um dedo apontado para o céu, que quase sempre se apresentava ensolarado e azul. Mas o que mais impressionava o homem da colina eram aquelas montanhas verdes ao redor da cidade, unidas numa ciranda extática como que a proteger a singela cidadela, talvez dos perigos selvagens daquele verde infinito de que era refém. Em seu pedaço, embora o pátio fosse pequeno, Renato havia criado uma pequena horta ao lado da casa, tudo isso circundado por uma acanhada cerca de madeira já apodrecida que ele julgou não valer a pena trocar. Quando a noite caía, tudo se afundava em intensa escuridão, apenas quebrada pelo brilho tímido das luzes da cidadezinha lá embaixo, e obviamente, pela luz amarelada gerada pela ‘casa assombrada’. Às vezes divertia-lhe a idéia de que o único fantasma naquela colina era ele mesmo, tão perdido se sentia em sua falta de inspiração; sentia de tanto em tanto, o leve roçar do desespero. O dinheiro logo iria acabar, o que faria então? Pediria emprego na loja de seu Haroldo? Mas então seria a bancarrota total, o escritor estaria morto, tudo não teria passado de uma idéia delirante e teria de habituar-se à vida na cidade, ruminando e acalentando o autor defunto em seu ventre pelo o resto de seus dias. Não, não podia cogitar destas coisas, a inspiração viria, sim, viria, era uma questão de tempo. Se ao menos Rio Cercado fosse mais interessante, tivesse habitantes humanamente mais vivos, tipos mais atraentes, que estivesse fundada em cima de um vulcão, qualquer coisa! Precisava se apaixonar por algo, algum acontecimento, algum tipo estranho; Renato então riu. Ora, se havia um tipo estranho naquela localidade este era ele, Renato. Mas aí algo lhe ocorreu. Quase como de um estalo, deu-se conta de que não deveria perscrutar a acanhada comunidade à procura de qualquer tipo de inspiração para seu trabalho. Chegara a esta conclusão com um incômodo sentimento de vergonha. Vergonha por não encontrar em si mesmo o manancial para sua estória. Vergonha, talvez, por não possuir vitalidade suficiente para remexer suas entranhas e trazê-las para fora, atirá-las na mesa e tal qual um médico legista, acostumado a revolver tripas, pinçar equimoses negras, tumores malignos ou benignos, encontrar cicatrizes intestinas ou restos de qualquer má digestão, qualquer coisa enfim, mas será que os possuía? Teria condições de remexer suas vísceras com uma caneta? Sim, pensou, era um homem constituído por imensos abismos. Perigosos labirintos, becos escuros e tenebrosos, muitas vezes teve medo de si mesmo; e também muitas vezes nessas ocasiões se perguntou se o verdadeiro Renato era o medroso ou o que amedrontava! Não era fácil descobrir-se quando dividido. Chegou a conclusão de que era realmente ambos, porém um vivia ao Sol e outro à sombra, mas então não teria chegado a hora de promover o abraço micro-cósmico destes dois ‘Renatos’? E que aquele da luz enfiasse seus dentes de vampiro solar na jugular negra do outro? Um vampiro ao contrário! O solar precisa sugar o sangue de sua sombra! Tudo está na sombra! Agora ali, tão distante de tudo e todos, tão para além da Moral! Ora, foda-se Rio Cercado! Tinha era de olhar para seu próprio umbigo, talvez até enfiar-lhe uma faca, o que não podia era depender daquela linear comunidade se quisesse realizar seus planos. Não havia nada ali que pudesse interessá-lo... ou quem sabe ele não estivesse olhando para Rio Cercado com a devida atenção.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

